

COMMERCIAL.

I ANNO.

NUMERO 6.

PROPRIEDADE DE — H. J. S. A. LOBÃO & COMP.

SABBADO 18 DE JA-

NEIRO DE 1868.

Assignatura 75 por anno, 45 por 6 meses, e 25500 por 3 meses ; com porte do correio 85, 50 e 35000.

TRANSCRIPÇÃO.

A religião por L. Baude.

(Continuação do n. 5.)

Por conseguinte é forçoso confessar que ha um ente que existe necessariamente por si mesmo desde toda a eternidade, e que é a origem de todos os outros entes. D'ahi segue-se essencialmente que esse ente é infinito em duração, em immensidade, em poder; por quanto quem pôde limitá-lo; porém, dir-se-ha, o mundo material e visível é precisamente esse ente que procuramos. Pois bem, examinemos de boa fé se isto é prova-vel. Se o mundo material existe por si mesmo, por uma necessidade absoluta, isto é, se elle é eterno, immutavel e não pôde deixar de existir, ha uma contradicção nos termos o suppôr-se que a menor desse mundo pôde existir de modo diverso d'aquelle por que existe; porquanto se essa parte é presentemente de uma necessidade absoluta, só esta palavra exclue qualquer outro modo de existir. Ora, a mesa sobre que escrevemos, a penna de que nos servimos, não forão sempre a mesma cousa que são presentemente; os pensamentos que lançamos sobre o papel, um momento antes não existião: logo todas essas cousas não existem necessariamente. Ora, se cada parte não existe por força de uma necessidade absoluta, é impossivel que o todo, que não é mais do que a collecção das partes, exista por si mesmo.

Produzimos o movimento: logo o movimento não existia antes; logo o movimento não é essencial á materia; logo a materia recebe-o de outra parte; logo ha um Deus que lh'o communique. Existimos; mas não temos existido sempre, e sem Deus não podemos explicar a nossa existencia: será de balde remontarmos de família em família, de século em século, pois ser-nos-ha mister chegar a um homem, collocado na terra primeiro que todos, organizado vivo, sentindo como nós, sem proceder, como nós, de um pai, e de uma mãe preexistentes; se prolongassemos indefinidamente a cadeia das gerações, cedo ou tarde seríamos obrigados a encontrar o primeiro dos seus anneis.

Não se poderia dizer, na verdade, que desde toda a eternidade houve individuos da nossa especie, que existissem necessariamente por si mesmo, a menos que esses individuos necessarios, não existissem ainda, por

quanto o que existe pela necessidade da sua natureza não pôde deixar de existir. E onde encontrar podemos individuos da nossa especie, que sejam eternos?

Finalmente a intelligencia não é essencial á materia, pois um rochedo ou uma planta não pensão: de quem, por tanto, as partes da materia, que pensão e sentem, terão recebido a senção e o pensamento? Não pôde ser de si mesmas, visto que sentem sem ser por vontade propria; muito menos pôde ser da materia em geral, visto que o pensamento e a sensibilidade não são da essencia da materia. O pensamento, n'uma palavra, é uma farsa, que prova a existencia do fogo, e de um fogo eterno: quem teve o poder de accende-lo?

São estas, em poucas palavras, as provas da existencia de Deus, resumidas de muitos volumes, ficando ao arbitrio dos leitores dar-lhe o desenvolvimento, que lhes approver.

Passemos agora a apontar com brevidade as objecções suscitadas pelas provas da existencia de Deus.

1.º Se Deus não é o mundo material e visível, pelo menos creou-o; mas, criando-o, ou tirou-o do nada, ou da sua propria existencia divina. Ora, de nada Deus não podia tira-lo, visto que o nada não é cousa alguma; não podia tira-lo de si, visto que o mundo faria neste caso essencialmente parte da natureza divina: logo não podemos ter idéa da criação, logo não devemos admiti-la.

2.º Se Deus existe, e se o mundo tem por autor um ente infinitamente poderoso, infinitamente intelligente e infinitamente bom, onde estão os signaes desse poder, dessa intelligencia dessa bondade infinita, que preside aos destinos humanos? Para que esses soffrimentos, que fazem da terra uma habitação de lagrimas? Para que essas desordens, esses vícios, esses crimes, que manchão a face das nações? Para que o mal? Se Deus não quiz obsta-lo, o que vera a ser a sua bondade? E, se querendo, não o pôde, o que vem a ser o seu poder?

Os argumentos contra a criação se reduzem a mostrar que é-nos impossivel concebê-la, isto é, conceber o modo por que ella se effectuou, mas não que a criação seja impossivel em si; por quanto, para que ella fosse impossivel, seria necessario provar em primeiro lugar ser impossivel a existencia de um Deus; mas, bem longe de provar-se essa impossibilidade, é-se forçado a reconhecer que é impossivel que elle não exista.

(Continúa.)

VARIEDADE.

Gratidão com gratidão.

Em Novembro de 1854 sahi do porto de Bristol commandando o brigue-barca—*Prince-Royal*—com um carregamento variado de fazendas, e alguns passageiros, tripulação e immigrado; sommava 21 pessoas e quatro crianças, o nosso destino era Halifax. A' vista de terra veio um desses temporaes tão famosos nas costas da America do Norte, e de repente (era madrugada) com uma cerração tal que não pude ver a direcção do porto. Um navio em perigo dava tiros pedindo soccorro; de Sambo Rock de quarto em quarto de hora se davão tiros de peça para guiar a navegação da entrada; o temporal era tal que de nada servirão os avisos dados, e o *Prince-Royal* bateu sobre um rochedo. A pancada foi tão forte que logo saltou o leme, cahirão os mastarões das gavesas grandes, toda a armação de proa, e de certo teve um rombo no fundo, pois o brigue principiou a encher-se de agua.

Era urgente tratar de salvar as vidas; tinha lancha e bote, entreguei a lancha ao piloto e mandei embarcar a todos, ficando eu e quatro marinheiros a tirar o bote dos turcos. A lancha devia ter sahido com 10 pessoas e as quatro crianças. Em quanto os marinheiros trabalhavão, fui á camara, já meia cheia de agua, buscar o mappa, e qual foi a minha admiração achando lá a immigrada Carolina agarrada á beira do beliche onde estava deitada a filha de idade de 8 annos, e doente. Disse-lhe:—sob, desgraçada, a morte é certa! Respondeu-me:—e a minha filha? Não ha tempo para nada, sob, que talvez ainda se possa salvar.

—Monstro!! tu não concebes o que seja o amor maternal!! Demohio, não te quero ver, não quero os teus favores, deixa-me morrer em paz! A' vista de tal resposta, tive dô della, tomei a criança nos braços, subi, e ella seguiu-me.

O bote estava prompto, o navio ia partir-se ao meio, o mastro grande já não existia, o bote subia e submergia-se nas ondas, e como embarcar?! Se elle abordasse aos restos do brigue nem um só marinheiro se salvava, reduzia-se a fragil embarcação a estilhaços. Era necessario morrer: dei ordem que seguissem, que me abandonassem!—Não obedecerão, e aproveitando-se do remanso de uma grande onda se approximarão á fren-

te da prôa que estava raza, lancei a criança para dentro do bote, e com tanta felicidade, que ella cahio nos braços de um dos marinheiros que a esperava. Amarrei-me a uma corda que achei, e, á terceira onda, tornou o bote a chegar-se, e logo lancei a ponta do cabo a um dos marinheiros que estava em pé vi que foi seguro, deitei-me sobre a mesma onda, levando commigo a immigrada, segurando-a com o braço esquerdo, e assim fomos salvos.

Nunca se soube da lancha, e o bote chegou a salvamento á costa, vinte milhas ao sul de Halifax.

Em Halifax achei quem aceitasse letras sobre Bristol, e tive todos os meios de fazer bem aos marinheiros, a Carolina e sua filha.

Carolina era mulher de 28 annos, tinha tido educação; por morte dos paes ficou em miseria, vio-se obrigado a servir, tinha afinal um pequeno hotel na cidade de Bath, sua patria; pouca fortuna fazia, liquidou os seus negocios, e a bordo trazia os recursos necessarios para tentar de novo estabelecer-se como mesmo modo de vida.

Achou em mim um protector; fiz bem sem saber a quem, e quando sahi para Bristol, trinta dias depois do naufragio deixei-a de hotel aberto, e lá morei algum tempo.

Nasci em Bristol, fiquei viuvo em 1852, tenho alguma fortuna herdada e adquirida, tenho um unico filho James Petrie, que deixei no collegio, quando segui a bordo do *Prince-Royal*, tinha a idade de 12 annos.

(Continúa.)

LITTERATURA.

Miseria e desprezo.

Eis-me curvado sob o peso da desgraça, soffrendo os tormentos da incertesa. A caridade é uma das virtudes que deve adornar o homem na sociedade, mórmente quando lhe faltão as bases precisas para construir o edificio da perseguição! Aquelle cujo centro é adornado de fina tempera, e que sempre desconheceo os deveres sociaes, falto de fé e religião, é o mesmo que semeou na choupana do misero pai e seus desgraçados filhinhos a desgraça... e vertidas lagrimas opprimem minh'alma e escriptas ficarão nas paginas de minha vida. Fatalidade!...

Suave e pranteira corria essa mesma vida, sendo as vezes interrompida por uma ou outra eventualidade!...

A resignação pois suppria as transitorias viscissitudes que de quando em quando surgia sem ser esperado! Porém, a um signal da negra maldade apparece a sombra pestilenta de uma visão, e ao cahir da alvorada ella se pronuncia carregada de vapores pestilentos!... O dia pouco a pouco vai-se desenvolvendo e protegido pelo continuado bater das azas Angelicas.... a sombra transforma-se em realidade.... e na praça publica, guarnecida pelo cantar do innocente roxinol se faz annunciar—; eis que de repente se opera uma transformação.... não!

não é sombra... nem visão,—é um homem— que cheio de rancor e vingança, empunha n'uma mão a espada de fina tempera... e na outra... oh! Céos! a penna bem aparada, que traçando no grosseiro papel seus pensamentos, fez produzir o effeito do— nada—!!! As vertidas lagrimas do innocente são lançadas ao esquecimento.

Afagava a querida esposa, e tranquillo aguardava a minha sorte; eis que surge antes meos olhos esse espectro e intima-me a sentença; resignado a recebi; encaro-o fixamente, e como que fulminado pelas continuadas perseguições... a infeliz companheira carpindo a sorte adversa, deixa-se curvar, exhausta de forças e resignação! A lembrança do passado, são as punhaladas do presente! Não houve uma voz que se erguesse em meu beneficio!

Nenhuma!

Todos me odiarão! O innocente beija-flôr occulta o trinar debaixo de suas asas. Os anjos desaparecem, como mergulhados no sentimento. As verdejantes palmas das campinas seccão-se. O Céu ennegrece. As nuvens disperção-se. O ar confunde-se. A natureza soffre. O sabio medita. O opulento contempla a scena de lagrima. O ouro converte-se em zinco. A choupana da miseria envolve-se com a morte. A terra geme. A aurora boreal occulta seu brilho. Os vivos confundem-se com os mortos, porém o homem da maledicencia com riso satânico, crusa os braços e contempla o effeito do seu prodigioso trabalho e lidar continuo.

As carnes de meu corpo, pouco a pouco se estão dessecando... o meu semblante já appresenta um aspecto cadaverico... os amigos lançarão-me ao desprezo... o indifferentismo já se manifesta naquelles que me derão este titulo.

Ouçõ lamentações, os pungentes gemidos estalão-me a alma... escuto, são os desventurados filhos submersos em pranto pedindo-me o alimento cotidiano... ai! triste! não tenho como suavizar tantos soffrimentos! Scena terrivel! Terrivel fatalidade!

A crueldade pesa na consciencia d'esse verdugo da humanidade; a compaixão não o commove, tenho esperança que Deos me hade fazer justiça!

CAROLINDO.

NOTICIARIO.

—Notas falsas.—Lê-se no *Mercantil*, o seguinte:

« O papel das falsas, comquanto soffrivel comtudo mediante um pouco de attenção deixa conhecer sua inferioridade com o das verdadeiras, sendo nestas as letras de agua menos claras do que naquellas.

« A curva do —S— da Palavra série, nas falsas, é mais fina do que nas verdadeiras, e o ponto sobre o —i— da mesma palavra. Não existe nas falsas, que os seus introductores procurão substituir a bico de penna, como se conclue da nota a que se refere este exame.

« O ponto entre o —N— e o algarismo da numeração da nota, nas verdadeiras é quadrilongo e nas falsas redondo; é este um dos signaes mais salientes a conhecer-se a falsidade ao primeiro golpe de vista, nas da série de que se trata: O—o— ao alto da terceira linha do mesmo N nas falsas, é muito menor do que nas verdadeiras.

« No emblema, entre outros, existem, quatro pontos para conhecer-se a falsidade. As tres pedras soltas por baixo do emblema do lado do talão não existe nas falsas;—o navio que se vê ao alto e a um lado da figura sendo bem visivel nas verdadeiras, pouco se destingue nas falsas e ainda nestas os que não tiverem uma vista prespicaz com o auxilio do microscopio verão que falta na pôpa do navio o algarismo—10—e a flamula no mastro grande;— a saia do manto ou tunica com que se veste a figura, nas verdadeiras não priva o distinguir-se perfeitamente o delineado das pernas e o joelho de que tem curvada, o que nas falsas não se patentea com precisão;— a cruz do florete sobre cujo punho tem a figura uma das mãos em descanso, sendo nas verdadeiras bem visivel e perfeitamente acabada, nas falsas não existe,

« O algarismo—10—que fica acima da cabeça da figura, na tarja ou fita que corre ao longo da nota e bem assim o mesmo algarismo na igual tarja por baixo, e com tinta bastante preta nas verdadeiras e nas falsas é menos preta, pouco mais carregada que a côr cinzenta.

« As quatro finas linhas nas duas referidas tarjas ou fitas são corridas com grande certeza de modo que apresentão á vista, bem destacadas as tarjas: nas falsas, porém, essas linhas estão ou parecem mais ligadas, tanto assim que não se descobre ao primeiro golpe de vista, como nas verdadeiras o claro do papel entre as linhas e as tarjas. »

—Vapor Presidente.—Este vapor chegou de Montevideo no dia 16 do corrente onde já deixou o encouraçado *Alagôas*.

Da guerra nada trouxe que interesse.

Em Montevideo tinha-se manifestado com espantosa intensidade o cholera-morbus.

Havia fallecido em viagem o Tenente-Coronel José Carlos de Carvalho chefe da commissão de engenheiros.

—Quarentena.—Consta-nos que se expedira ordens terminantes para que os navios procedentes dos portos invadidos pelo cholera-morbus fação quarentena na barra do Sul.

Todas as medidas preventivas á combater semelhante flagello não são superfluas; assim é bom que se conjure com antecedencia a tempestade que nos ameaça, para que não se diga o mesmo que disse um celebre capitão ao vêr suas forças completamente derrotadas:—*Eu não pensava!!!*

—Sinistro.—S. Ex. o Sr. Dr. Adolpho presidente da provincia ao recolher-se de um passeio pouco depois de anoutecer do dia 16 do corrente, infelizmente cahio do cavallo na rua Formosa, segundo nos informão; recolhendo-se, porém á palacio ahi encontrou alguns medicos entre as pessoas que

e concorrião á reunião que alli tem lugar as quintas-feiras, os quaes lhe prestarão os necessarios soccorros, sendo que S. Ex. segundo nos dizem, felizmente não soffro de modo que inspire receios seu estado de saúde.

Utilidade publica.—Amigo nosso em dacta de hontem nos indereçou as seguintes linhas:

«Sendo de absoluta necessidade o melhoramento da rua da Imperatriz, que, como é geralmente sabido, torna-se intransitavel sempre que chove, na parte fronteira as olarias e aos intervallos destas, sendo ainda provavel que a camara municipal desta cidade, por si só, e sem grande dispendio, não consiga o necessario atterro e abaulamento da mesma rua em toda sua extensão e largura, trabalho que, de mais a mais será em pouco tempo destruido pelos carros, carroças e animaes que por alli transitão continuamente; pedimos venia á illustre municipalidade, para de novo lhe lembrarmos o q' já uma vez dissemos a respeito. E é que mande fazer, por meio de atterro entre duas estacadas parallellas, fortes e baixas, em um dos lados da rua e nos pontos em que ás aguas estagnão, uma avenida por onde possão transitar, livremente, duas pessoas, á par uma da outra; devendo ser prohibida a passagem de animaes cavallares, muares pelo referido caminho estreito. Nos lugares em que esta não precisar de atterro, bastará a estacada do lado da rua para que os mesmos animaes, carroças e carros não o damnifiquem.

Outra necessidade, não menos palpitante, é a limpeza e conservação do rio que atravessa pelos fundos das casas da mesma rua da Imperatriz, no qual costumão as lavadeiras e alguns moradores da vizinhança fazer tapumes e despejos q' o damnificão, prejudicando, ao mesmo tempo o estado sanitario da população mais proxima.

De Montevidéo.—O *Guaporé* chegado esta manhã dessa procedencia nada noticia de importante.

—Verifica-se ter fallecido do cholera como já haviamos annuciado, o Dr. Marcos Paz, vice-presidente da Confederação Argentina.

Do Rio Grande tomos dactas que alcanção até 15 do corrente. As noticias que nos transmittem os jornaes recebidos carecem de interesse.

—Tinha chegado ao Rio Grande o vapor *S. Pedro* da linha intermediaria daquella cidade e á de Pelotas.

Jaguarão.—Lê-se no *Echô do Sul*:

«Ao dizer da imprensa de Jaguarão, teme-se alli uma bancarrota nos bancos do Estado Oriental, por que a quantia nominal das notas dos mesmos bancos em circulação no mesmo estado e q' não tem talão, póde ser quadruplicada e centuplicadamente maior do que o fundo que possuem em moeda metalica.

«E se é certo, como cremos, o que diz aquella imprensa, isto é, que as notas de taes bancos, nem talão nem numero, nem assignatura tem, por onde se verifique a identidade dellas, por certo que nenhuma outra couza se deve esperar, senão a bancarrota.

—Fôra condemnado alli á 3 mezes de prisão o Sr. Dr. Severino Alves de Carvalho juiz de direito da commarca de Piratiny.

Esperava-se que o Dr. Severino seria absolvido.

O *Jaguarensense* noticia que elle vai estabelecer a sua residencia em Cangussú.

Nomeação.—O coronel Antonio Pedro de Alencastro foi nomeado para substituir o marechal Antonio Nunes de Aguiar de commandante das forças em Montevidéo.

Moeda.—No dia 6 as onças no Rio de Janeiro, estavam á 39,500 e as libras á 12,500 rs.

Cuidado e cautella.—Cartas que vimes do Estado Oriental, nos annucião

movimentos alli que reclamão cautella de nossa parte. Em Taquarém, o chefe politico trata de reunir com empenho. Consta alli que o sanguinario *blanquillo* Aparicio, á testa de um bando de desertores, e bandidos, pretende percorrer e assolar alguns pontos da campanha oriental e da nossa fronteira, quando mais não seja, para incommodar á Flôres e a nós.

«Posto que as cartas, que isso nos communicão, sejão de pessôa que mereça todo o conceito, todavia referindo-se ellas á boatos que corrião, devemos dar-lhes quarentena, tomando entretanto as cautellas necessarias.

Cuidado com as fructas.—O *Sy-glo* de Montevidéo, dando noticia da crecida mortandade de crianças, alli havida, no mez ultimo, atribue isso ao excesso de fructas, não bem maduras, expresamente prohibidas por todos os medicos, como muitas damnozas.

As pêras, diz aquelle jornal, aquecidas pelo sol, e não em perfeito estado de madureza, que as torne sans e agradaveis, produzem colicas violentas, cujo fim é sempre fatal.

E isso justifica o jornal, com um caso dado na vespora, em um homem robusto, que succumbio, pelo que quanto ás crianças, recommenda todo o cuidado ás mães de familia.

Julgamos dever fazer a mesma recommendação, não só as mães, como aos pais, que sem duvida devem ter mais energia para reprimir os excessos dos filhos, quando sabem ser pais.

Remedio seguro para fazer calar.—M. Z. recebeu ultimamente em sua caza o caseiro de uma quinta que possui o qual lhe levava um presente de dois magnificos coelhos. Depois de ter acceitado o presente, convidou o seo hospede a descaçar das fadigas da viagem, e mandou-lhe servir de cerveja, pão, manteiga dos alemães e um pedaço de queijo Lageano.

O caseiro sentou-se á mesa, e um quarto depois já tinha desaparecido a cerveja, o pão, a manteiga e uma quinta parte do queijo.

Neste momento entra casualmente na casa de jantar a mulher (rabequeira) de Z, a qual, concebendo sérios cuidados pelo resto do queijo, chamou seu morido para o quarto contiguo e lhe disse:

—Se chega alguém e pede queijo, nenhum teremos para lhe dar.

—E' verdade; mas socega, que eu prometto salvar aquelles restos.

Z aproximou-se de seu hospede.

—Pelo que vejo você gosta muito de queijo, não é assim?

—Sim senhor, lá isso é verdade, quando elle é bom, como este que estou trincando.

—Toda via, devo advertir-lhe q' o queijo de L... tem grande inconveniente, e vem a ser... que quando d'elle se abusa... perde-se a falla.

—Que me diz V. S.?

—O que acaba de ouvir. E' tanta verdade... como eu ser filho de meu pai e de minha mãe.

—Ora, louvado seja Deos Nosso Senhor, até que afinal achei aquillo que ha tanto

tempo andava procurando, o meio de fazer calar minha mulher.

E dizendo isto metteo o resto do queijo na algibeira, como remedio seguro para taes casos.

Arrependimento.—Um amigo no dia de anno bom, dirigio-se á praça, e comprou umas interessantes maçãs, chama o criado, e pede as colloque n'uma salva, e indicou a pessoa para quem era destinado o mimo com o seguinte bilhete:—Meu sympathico:

Desculpe-me a lembrança; se achares que as fructas são bonitas mandam'as, por que já estou arrependido de querer mimosearte; na época actual custa muito perder-se 500 réis. Não fiques com a salva, nem troques por outra.

Esta minha fraquesa é de—amigo—; e desde já conto que não te arrufarás.

Phenomeno.—A *Constituição*, folha do Ceará, dá a seguinte noticia:

«De Cascavel foi remetido ao Dr. Ribeiro uma dessas variedades de que a caprichosa natureza apresenta tantos e tão fecundos exemplos: o cadaver de uma criança recém-nascida de 8 para 9 mezes com a seguinte diformidade:

«No centro do rosto, onde devia necessariamente encontrar-se o nariz, é este substituido por um olho mais ou menos perfeito com a orbita um tanto dilatada. Deslocado esse membro do seu verdadeiro lugar, como que por uma aberração acha-se um pouco acima do olho o nariz imperfeitamente representado por uma excrescencia de uma pollegada mais ou menos de comprimento, redonda e aberta no meio, em forma de ventarol. No mais a menina é inteiramente perfeita.»

Fome.—Porque o frio desperta a fome?

Primeiramente porque no seio de um ar frio e mais rico em oxigenio, é mais rapida a combustão interna; depois, porque o organismo, despendendo mais, para defender-se do frio externo, sente mais necessidade de reparar as forças.

Porque a digestão rapida desperta o appetite?

Porque quanto maior é o consumo de elementos nutritivos, é natural que sinta-se a necessidade de novos elementos nutritivos.

Porque em geral sentimos necessidade de actividade quando faz frio?

Porque instinctivamente sabemos que o movimento e a actividade augmentão o calor animal.

Porque é que as pessoas que se dão a trabalhos asperos tem em geral muito appetite?

Porque esse trabalho em que se empregão faz-lhes despender maior e mais rapida perda de elementos respiratorios e nutritivos.

Porque o lér, o cantar e o fallar em voz alta excitão o appetite?

Porque esses actos se não fazem sem que se despenda grande parte de elementos respiratorios e nutritivos.

Porque é menos excitado o appetite á noite que de dia?

Porque durante o somno é menor a respiração e por consequencia a perda de elementos combustiveis.

PUBLICAÇÕES SOLLICITADAS.

Caminho novo.

E' deploravel a estrada das tres pontes existente no caminho deste nome. Em balde tem a imprensa por diversas vezes lembrado á Illm. Camara Municipal e ao seu mui digno fiscal o pessimo estado della, mas é clamar no deserto! Ninguem nos ouve!!

Passão os transeuntes por esses verdadeiros precipicios com o coração na mão—como vulgarmente se diz—vendo o momento em que lhe falte uma das taboas podres e sirva-lhe de sepultura um lodaçal medonho.

Isto vai muito mal!

Se não houver uma Camara que véle pelos interesses de seus municipes e olhe para estas e outras necessidades urgentes, que será dos moradores de S. Antonio, Sacco Grande, e outros pontos, que por unica estrada tem o—caminho das tres pontes—?

Não poderão dest'arte vir ao mercado vender o producto de sua lavoura, e comprar os viveres necessarios á sua subsistencia, todavia pagão elles *direitos* pelos quaes tem *direitos* a reclamarem remedio a este mal, aliás tão facil de remediar-se.

Se a camara Municipal não tem fundos para esta despesa, isto é, para mandar collocar quatro páos em bom estado e cobrir com uma duzia de taboas (como é costume), conceda privilegios a quem as faça que não faltarão empresarios, e bem certo estamos que os povos querem antes sugentarem-se a um pedaggio estipulado do que estarem expostos a serem victimas a qualquer momento.

Ha bem poucos dias um pobre lavrador de nome Guilherme Jose d'Oliveira morador no Rio Vermelho, de volta para seu sitio, o cavallo em que montava metteo os pés por um dos muitos buracos que ahi existem, resultando ficar o cavallo inutilizado e o cavalleiro bastante pisado, escapando o pobre homem, por milagre, de ser victima!

Pedimos por tanto á Illm. Camara Municipal que dê providencias afim de não soffrerem por mais tempo os moradores d'aquellas paragens dignos sem duvida de melhor sorte.

Alguns moradores de Santo Antonio.

POESIA

Offerecida ao Illm. Sr. advogado Manoel José d'Oliveira, pelo abaixo assignado.

O livro da vida humana
Só quatro folhas contém,
Duas paginas a folha
Onde se lê—mal e bem.

Quatro idades, marca o livro
Nas quatro folhas que encerra;
Quatro idades da existencia
Que a mortal passa na terra.

Por lei do fado immutavel,
Decreto do ser divino,
Segue o mortal a carreira
Que lhe marea o seu destino.

E o livro tem quatro folhas,
Cada folha é colorida,
E' nellas, que se decifrao
As quatro idades da vida.

A primeira—é toda branca,
Symbolizando a innocencia;
Quando o mortal 'inda infante
Só pertence á omnipotencia.

A segunda—igual a roza
No frescor e na pintura;
Symbolizando essa idade
Do fulgor e da ventura.

A terceira—é róxa e rubra,
Symbolo do fogo e paixão;
Que n'ardente mocidade
Nos domina o coração.

A quarta palida e alva;
Ultima cor da existencia;
E' o symbolo do desengano
Fructo—da velha exp'riencia.

Somente a capa do livro
Tem a cor esverdeada;
Mas no fim da quarta idade
Em negra pedra tornada!

Overde, sonhos inculca
De prazer e de ventura;
E a esp'rança que nos rodeia
Desde o berço á sepultura:

Inculca quando se torna
Em negra cor de alecrim,
A esp'rança e vida que foge
Per omnia seculo sem fim.

Desterro 16 de Janeiro de 1868

J. F. de Almeida.

DESPEDIDA.

O abaixo assignado não podendo pela sua rapida partida para a capital do imperio despedir-se pessoalmente de seus amigos o faz por este meio, esperando que os mesmos disculpem essa falta alheia inteiramente á sua vontade.

Na capital do imperio pois os seus amigos podem dispôr de seu limitado prestimo.

Desterro 17 de Janeiro de 1868.

A. C. da Silva Castro.

COMMERCIO.

PAUTA SEMANAL.

Preços dos generos sujeitos a direitos de exportação.

Semana de 13 a 18 de Janeiro de 1868.

Agoardente	Canada	500
Algodão em caroço	Arroba	48800
Amendoim com casca	Alqueire	18000
Arroz com casca	»	27400
Dito pillado	Sacco	108000
Assucar branco	Arroba	58000
Mascavo	»	28000
Refinado	»	58120
Batatas alimenticias	Alqueire	17500
Café chumbado	Arroba	78000
Em casquinha	»	58900
Casca grossa	Sacco	88000
Pó	Libra	500
Cal	Moio	258000
Couros de boi secos	Libra	220
Salgados	»	100
Farinha de mandioca	Alqueire	17120
Dita de milho	»	17280
Feijão	»	17920

Fumo em folha bom	Arroba	68000
« Ordinario	»	48800
Gissaras inteiras	Uma	800
Matte ou erva matte	Arroba	27400
Mel ou melação	Canada	360
Milho em grão	Alqueire	28000
« « « «	Mãos	560
Polvilho ou gomma	Alqueire	27500
Pranzões de ariribá		
até 20 palmos	Duzia	308000
« Para mais, idem	»	408000
« Sedro ate 20 palmos	»	268000
« Para mais	»	308000
Canella preta e paroba		
até 20 palmos	»	168000
« Para mais	»	208000
Guaruba até 20 palmos	»	138000
« Para mais	»	168000
Oleo até 20 palmos	»	118000
« Para mais	»	158000
Portadas de qualquer		
madeira	Uma	58000
Ripas de gissara	Cento	38000

MOVIMENTO DO PORTO.

Sahidas.

Dia 17.

Rio de Janeiro. — Vapor « Presidente »

Em franquia.

Polaca S. « Pedro » para o Rio Grande.

ANNUNCIO.

DEVOÇÃO DE S. SEBASTIÃO.

Não podendo ter lugar no dia 20 do corrente a festividade do glorioso martyr S. Sebastião, e virgem Senhora dos Navegantes em rasão das obras de sua capella, a devoção de accordo com o Rev. Sr. Arcypriste resolveo transferil-a para o dia 26 do mesmo, pela fórma seguinte:

No dia 25 pelas 6 horas da tarde será trasladada a Imagem de sua capella na Praia de Fóra, seguindo as ruas Formosa, Palma, Senado, largo de Palaeio até a Matriz, onde pregará o Rev. P. João da Costa Pereira, seguindo apoz os canticos ao Glorioso Martyr pelos devotos que a isso se quizerem prestar; ás 4, 6 e 8 horas da manhã será celebrado o santo sacrificio da missa, sendo á das 4 horas com intenção ás almas dos infelizes q' têm perecido na actual campanha contra o Governo do Paraguay; á das 6 horas com intenção á todos os devotos que tão benevolamente têm concorrido com suas esmollas para o culto e adoração da veneranda Imagem, e a das 8 horas dedicada á virgem dos Navegantes por todos os que andão sobre as ondas do oceano.

No dia 26 as 4 1/2 horas da tarde seguirá a Imagem da igreja Matriz pelo largo de Palacio, ruas da Constituição, travessa da Augusta, Principe, 7 de Setembro, Senado, Palma, Formosa, S. Sebastião até sua capella, onde pregará o Rev. P. Joaquim Eloy de Medeiros.

Convido portanto a todos os devotos á concorrerem a esses actos, afim de os tornarem mais brilhantes.

Desterro 16 de Janeiro de 1868.— O Procurador—J. Candido da S. Peixoto.

Typographia do —Commercial—1868.